

JORGE SAMPAIO
PRESIDENTE DO JURI PRÉMIO INTERNACIONAL GULBENKIAN

**CERIMÓNIA DA ENTREGA DO PRÉMIO
INTERNACIONAL CALOUSTE GULBENKIAN
EDIÇÃO 2013**

LISBOA
FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN
19 DE JULHO DE 2013

Senhor Presidente da Fundação Calouste Gulbenkian, Dr. Artur Santos Silva,

Senhor Director da Biblioteca de Alexandria e Ilustre Galardoado, Dr. Ismail Serageldin,

Senhor professor Gonçalo Ribeiro Telles,

Senhores Administradores do Conselho da Fundação,

Excelências,

Minhas Senhoras e Senhores,

- Começo por manifestar um sentimento de gratidão à Fundação Gulbenkian, nas pessoas do seu ilustre Presidente e dos seus administradores, por terem adoptado a recomendação dos membros do júri do Prémio Internacional Gulbenkian, a que tenho a honra de Presidir, ao decidirem atribuir este significativo galardão à Biblioteca de Alexandria e ao seu Director, o Dr. Ismail Serageldin.

- Não é por acaso que recorro a este termo, gratidão, fazendo-me aliás porta-voz dos membros do júri, para iniciar as minhas breves palavras.

- Porque, de facto, gratidão é também o sentimento que gostaria de manifestar a Ismail Seralgedin, pela sua obra, pelas suas qualidades raras de Humanista, Homem de ciência e das técnicas, cultor das artes, das letras e dos números, numa combinação ímpar que faz dele uma figura de proa do iluminismo do nosso tempo, na esteira dos pensadores árabes e persas, como Al Kindi, Al-Athir ou Ibn Kaldun, foram os precursores dos Enciclopedistas do século XVIII.

- A Biblioteca de Alexandria, inaugurada há pouco mais de uma década, não seria o que é, sem a batuta do seu director, sem a sua visão do papel da educação, do conhecimento, da ciência e da cultura para o progresso dos povos e a construção de sociedades pluralistas, inclusivas e tolerantes.

- Façamos pois, desta cerimónia, um momento de homenagem à Biblioteca de Alexandria e ao Dr. Ismail Serageldin, mas também uma ocasião de tributo ao papel único do Egipto no mundo árabe, à sua história, cultura, pensamento e arte.

- Façamos, deste momento, uma comemoração conjunta, do valor insubstituível do conhecimento e da cultura para a afirmação da humanidade do homem e como expressão plural da sua intrínseca liberdade.
- Nestes tempos conturbados em que vivemos, marcados por crises e interrogações de diversa ordem, importa não esquecer que é pela educação, pelo conhecimento e pela cultura que os povos progridem de forma duradoura, que é no diálogo, na tolerância e no pluralismo que as sociedades podem prosperar e viver em harmonia.

Excelências, Minhas Senhoras e Senhores

- É impossível estancar o fio dos pensamentos e das múltiplas evocações que quase naturalmente a atribuição deste Prémio à Biblioteca de Alexandria em todos nós suscita. É a magia do lugar, é o mistério do estranho destino da biblioteca fundada por Ptolemeu, são os reflexos indeléveis do distante farol que o Mediterrâneo empurra até aqui.

- A qual de vós não assaltou já, desde o início desta cerimónia, um sem número de memórias bem entranhadas no nosso inconsciente colectivo – desde o Quarteto de Lawrence Durrell; Georges Moustaki, desaparecido este ano; a Grécia de Cavafis e toda a antiguidade greco-romana; os 400.000 volumes desaparecidos da Biblioteca antiga e todos os seus directores com nomes de filósofos e de pensadores, as lendas e narrativas sobre a sua destruição; a ficção de José Luis Borges sobre a biblioteca de Babel e, claro, o terrível paradoxo da biblioteca universal com um número finito de volumes contendo o saber infinito....

- Quer o reconheçamos ou não, entre o mito e a ficção, oscilando entre os lugares imaginários e o espaço dos possíveis, a imagem da biblioteca faz parte do inconsciente colectivo da humanidade.

- Mais até: ela tem funcionado como um dos arquétipos da nossa própria humanidade, o que nos torna seres de sentido, valores, projectos, sonhos e ambições, e nos separa da nossa condição puramente animal.

- Mas, não nos iludamos: a violência e a barbárie convivem connosco e há uma linha ténue que nos separa delas.
- Alexandria hoje não é só um lugar mítico. Ela evoca também imagens cruéis dessa nossa outra desumanidade possível.
- Por isso, há que tomar a sério os sinais de alerta que nos chegam. Há que contribuir para que a biblioteca-farol de Alexandria possa contribuir a sua missão.
- É assim que considero a atribuição do Prémio Calouste Gulbenkian do maior significado e oportunidade. Ao atribuí-lo à Biblioteca de Alexandria, estamos também a homenagear e honrar Calouste Gulbenkian, que era um conhecedor profundo do Egipto, que detinha uma impressionante colecção de objectos de arte egípcios, que amava os livros e que foi verdadeiramente um homem de pontes e diálogos entre o “grande levante”, por assim dizer, e o ocidente.

➤ Hoje, com a atribuição deste Prémio à Biblioteca de Alexandria, não só nos sentimos mais perto de Calouste Gulbenkian, como, de alguma forma, nos sentimos todos de Alexandria.

➤ Muito obrigado